

Aqui se encontra uma descrição detalhada da exposição "O Silêncio da Terra". A exposição é dividida em duas seções principais: a Galeria do Paço e o Museu Nogueira da Silva.

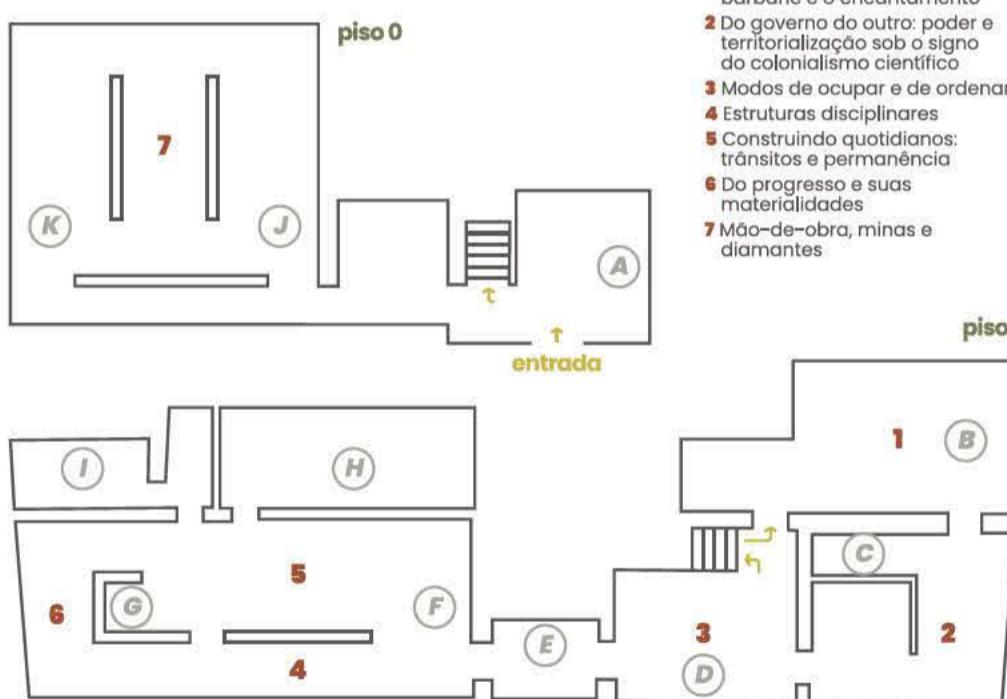
Galeria do Paço: Esta seção aborda a história da fotografia colonial portuguesa, com foco na Diamang. Exposições incluem fotografias de cidades coloniais, paisagens rurais e trabalhos artísticos que exploram a dualidade entre o progresso e a permanência.

Museu Nogueira da Silva: Esta seção apresenta uma coleção de fotografias de cidades portuguesas, como Lisboa, Coimbra e Aveiro, mostrando aspectos cotidianos da vida urbana e rural. Exposições incluem fotografias de arquitetura, paisagens e pessoas.

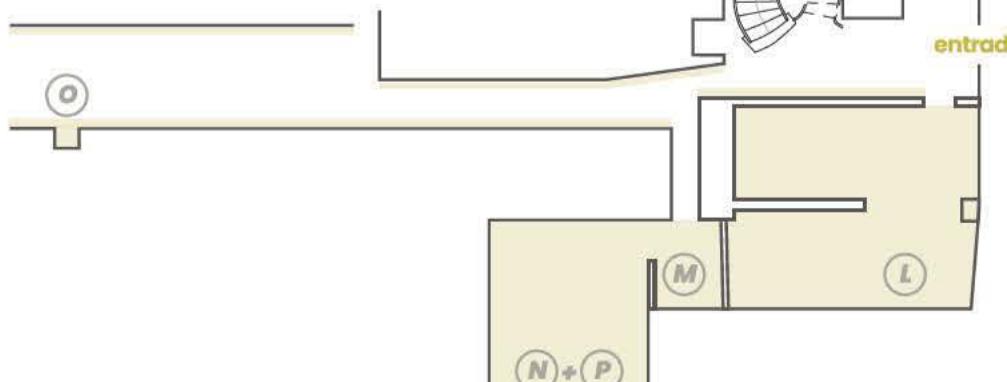
Expoções Especiais: A exposição também inclui exposições temporárias, como "Atravessando o Continente" (fevereiro a maio) e "O Brasil em Fotografia" (maio a setembro).

Planta da Galeria do Paço

Primeiro piso e rés-do-chão



Planta do Museu Nogueira da Silva



O projeto visa explorar a complexa relação entre o progresso e a permanência, o poder e o poderoso, a memória e a esquecimento, a visibilidade e a invisibilidade. A exposição busca questionar como a fotografia殖民地能够记录和重塑历史, e como os diferentes modos de visualização transformam a percepção do mundo.

A exposição é dividida em três partes principais: a Galeria do Paço, o Museu Nogueira da Silva e uma seção dedicada a exposições temporárias. A Galeria do Paço apresenta uma coleção de fotografias de cidades coloniais portuguesas, enquanto o Museu Nogueira da Silva exibe uma coleção de fotografias de cidades portuguesas. As exposições temporárias abordam temas como a dualidade entre o progresso e a permanência, e a relação entre o poder e o poderoso.

A exposição é uma iniciativa da Fundação Cultural Portuguesa, com apoio da Fundação para a Cultura e as Artes e da Fundação para a Ciéncia e a Tecnologia. A exposição é gratuita e aberta ao público de terça a domingo, das 10h às 18h. Entradas são limitadas e devem ser adquiridas online.

A exposição é uma iniciativa da Fundação Cultural Portuguesa, com apoio da Fundação para a Cultura e as Artes e da Fundação para a Ciéncia e a Tecnologia. A exposição é gratuita e aberta ao público de terça a domingo, das 10h às 18h. Entradas são limitadas e devem ser adquiridas online.

O SILENCIO DA TERRA

Visualidades (Pós)Coloniais Intercetadas pelo Arquivo Diamang

A Exposição parte de uma interrogação:

O que se guarda/esconde no silêncio da terra quando a memória do espaço no tempo é intercetada-revelada através da fotografia colonial e da arte pós-colonial?

A afirmação do título – *O Silêncio da Terra* – envolve a ambiguidade da imagem da fotografia colonial. O que é que ela mostra? O que é que ela não deixa ver? Interessa-nos o que ela representa?

A copresença da fotografia colonial com artefactos artísticos pós-coloniais interpela o olhar e problematiza o que vemos a partir de um horizonte de presente aparentemente contínuo, atravessado por diferentes temporalidades.

Por estratos, somos levados a dissecar os enunciados visuais, isto é, a desconstuir aquilo que nos é dado a observar e que se cruza inevitavelmente com memórias pessoais, com pós-memórias, memórias das memórias de outros, representações sociais que resistem no tempo.

Resta saber a partir de que lado da terra?

Um primeiro desafio desta Exposição é um convite a alargar o olhar e a conviver dialeticamente com as diferentes dimensões do que vemos e do que nos é dado a ver.

"As minhas memórias [são] os meus documentos". O enunciado da artista plástica Louise Bourgeois (1911-2010) pode ser lido como um dos lados desse desafio. Por que não abrir espaço ao confronto entre o que experienciamos e recordamos através de outros e as experiências e memórias do outro?

A Exposição desdobra-se por dois espaços: Galeria do Paço e Museu Nogueira da Silva.

Na Galeria do Paço oferece-se uma viagem a partir do Arquivo Fotográfico da Empresa de Diamang, sediado no Museu Nogueira da Silva (MNS). Este arquivo corresponde a um dos registos mais públicos do extenso acervo fotográfico da empresa (1917-1975), construído segundo o propósito de documentar a missão civilizacional europeia em África, sob o signo do colonialismo científico – no caso concreto, de uma empresa portuguesa (com forte presença de capital estrangeiro), dotada de poderes de soberania contratuais, sob o enquadramento do Estado Português.

A viagem percorre os seguintes temas: (1) Imaginários duals: entre a barbárie e o encantamento; (2) Do governo do outro: poder e territorialização sob o signo do colonialismo científico; (3) Modos de ocupar e de ordenar; (4) Estruturas disciplinares; (5) Construindo quotidianos: trânsitos e permanência; (6) Do progresso e suas materialidades; (7) Mão-de-obra, minas e diamantes.

Neste primeiro espaço, a interceção da fotografia colonial com artefactos artísticos pós-coloniais estimula a pensar e a imaginar o significado mais global da experiência, para além dos rótulos de progresso e de avanço civilizacionais. O silêncio e a ocultação do arquivo são confrontados pelas contranarrativas oferecidas pela arte pós-colonial e pela crítica epistemológica do conhecimento colonial, atenta aos processos de construção e de produção do discurso(s) e mundividência(s) coloniais.

A interceção artística é feita pelos trabalhos de Alida Rodrigues, Ângela Ferreira, Ângelo Lopes, Francisco Vidal, Irineu Destourelles, Kiliuanji Kia-Henda, Marilú Mapengo Námoda, Mónica de Miranda, Nuno Nunes-Ferreira, René Tavares, Rita Raíño.

No Museu Nogueira da Silva trabalha-se o arquivo histórico colonial. A deambulação parte de algumas questões. Para que serve um arquivo histórico? Quem dita as regras do que se preserva e do que não deve ser preservado? A quem interessa e serve afinal a preservação?

Neste segundo espaço, o itinerário artístico desenvolve três propostas que desafiam o sentido canónico do arquivo:

1. a residência artística de Délio Jasse, criada a partir do arquivo fotográfico da Diamang, sediado no MNS;
2. o trabalho de Henrique Neves Lopes, os vídeos de Catarina Simão e Filipa César e a escultura audiovisual de Rita Rainho e Ângelo Lopes, que têm por base criativa materiais de arquivos coloniais;
3. a reprodução integral do arquivo fotográfico da Diamang sediado no MNS, ladeada pela sua representação gráfica segundo tipologias temáticas distribuídas no tempo.

Galeria do Paço

No silêncio da terra. Onde ser é estar.
A sombra se inclina.
António Ramos Rosa

Obras artísticas Galeria do Paço

Átrio

Kiluanji Kia-Henda (Angola, 1979) **A**
Lunda in the Sky with Diamonds, I
Impressão digital sobre papel mate
montado em alumínio
86x130 cm (2007)
Edição 2/5 + 1 PA
Obra cedida pela Galeria Filomena Soares, Lisboa

Os diamantes e o petróleo têm tido um papel essencial para a economia angolana, não só durante o período colonial como após a independência. A geração de artistas nascida no rescaldo da longa guerra civil que avassalou o país durante 27 anos foi fortemente influenciada pela cultura socialista pós-independência e pelo difícil legado do colonialismo e da guerra civil. O trabalho de Kia-Henda incide sobre as relações de poder que moldaram o colonialismo e as suas consequências para a sociedade angolana contemporânea. Em 2007 o artista visitou Saurimo, na região da Lunda Sul onde se situa a mina de Catoca - uma das maiores jazidas de kimberlitos diamantíferos do mundo. Esta obra retrata as cicatrizes infligidas na paisagem deixadas pela indústria mineira evocando a 'ferida colonial' que, parafraseando Grada Kilomba, continua por tratar.

Piso 1

Nuno Nunes-Ferreira **B**
(Portugal, 1976)
Angola é Nossa!
Instalação
Caixa de madeira original pertencente a um 'retornado', aparelhagem de som, remix em loop da música tocada pelo coro e orquestra FNAT
53x103x57 cm (2015)
Coleção do artista

Com extraordinária simplicidade a obra evoca simultaneamente o início e o fim da guerra colonial, bem como os seus paradoxos: houve soldados que morreram por uma terra que não era sua e 'retornados' que tiveram de se estabelecer num país que nunca haviam conhecido. Para esta instalação o artista usa uma caixa comprada no OLX que foi usada por uma 'retornada' para a remessa dos seus bens para a metrópole. Milhares de contentores e caixas como esta povoaram duran-

te anos a zona das docas de Lisboa, na vizinhança do Padrão dos Descobrimentos, junto à Praça do Império. Foi também aqui que os contingentes de soldados embarcavam para servir na 'guerra colonial' sendo usual ouvir-se, durante estes embarques, a marcha militar "Angola é nossa" gravada pela orquestra da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT).

Ángela Ferreira (Moçambique, 1958) **C**
Adventures in Mozambique and the Portuguese Tendency to Forget
Video
19 minutos, cor, som (2015)
Coleção Tate Modern, Londres
Coleção MACBA, Barcelona
Obra cedida pela Galeria Nieves Fernandez, Madrid

O Estado Novo investiu fortemente em missões antropológicas e etnográficas com o objetivo de cartografar e domesticar o território colonial e as suas populações. O estudo da população permitiu recolher informações e verificar a fidelidade da população ao regime. Este é o tema subjacente a esta obra em vídeo que expõe o lado menos conhecido do trabalho desenvolvido em Moçambique por Margot e Jorge Dias durante as missões para o estudo da tribo Makonde, financiadas pelo Estado Português. As expedições com fins científicos antropológicos e etnográficos produziram uma manancial de documentação. Para este trabalho, a artista resgatou do Arquivo da Torre do Tombo os relatórios confidenciais redigidos por Jorge Dias. A obra discute a estreita e incômoda relação entre a Antropologia e a política colonial.

René Tavares **D**
(São Tomé e Príncipe, 1983)
Thinking About Africa's Future (da série Fantastic African Union)
Técnica mista sobre tela
2,00x1,90 m (2020)
Obra cedida pela Galeria This is Not a White Cube, Lisboa

Os trabalhos mais recentes deste artista têm assumido uma componente política transferindo referências da memória, da identidade e do património para o contexto contemporâneo. Esta pintura, que tem no

seu centro uma África a vermelho, talvez alude ao futuro político que se desenhava para o continente após as diferentes independências. Esta obra é mostrada numa sala onde abundam mapas produzidos para cartografar, definir e controlar o território da antiga colónia de Angola.

Ángela Ferreira (Moçambique, 1958) **E**

Untitled (da série Stone Free)
Pastel seco sobre papel
35x49 cm (2018)
Obras cedidas pela Galeria Cristina Guerra, Lisboa

Untitled (da série Stone Free)

Pastel seco sobre papel
35x49 cm (2018)
Obras cedidas pela Galeria Cristina Guerra, Lisboa

Stone Free Star of Africa

Lápis sobre papel
37x49,8 cm (2012)
Expostos 2 dos 4 elementos que compõem a obra
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição em 2018.

O projeto Stonefree do qual fazem parte, para além destes desenhos, duas esculturas, faz a ligação entre dois espaços subterrâneos: a mina de Cullinan, na África do Sul, e a Caverna de Chislehurst, em Inglaterra. Da mina foi extraído, em 1905, o maior diamante alguma vez encontrado. A pedra foi dividida em sete grandes diamantes sendo que os dois maiores integram hoje a coleção real britânica. A caverna no sul de Londres é um labirinto de túneis que serviu de local de atuação de bandas rock durante a década de 1960. Jimi Hendrix terá actuado nestas cavernas e o título desta série é tomado por empréstimo a uma das canções do músico. Ao justapor estes locais com forte carga política, a artista evoca as imbricadas relações que ligam a Inglaterra à África do Sul, sob o prisma das identidades pós-coloniais. Tal como a obra de Kia-Henda, estes desenhos apresentam uma forte carga simbólica pois a indústria dos diamantes da África do Sul contribuiu para sustentar o regime do apartheid.

Rita Raíño e Ângelo Lopes **M**
Projetar a Revolução no Feminino
Escultura audiovisual

Ano 2021
1,11 x 1,11 m x 2,06 m
Coleção Museu Nogueira da Silva

A escultura recupera histórias invisíveis de mulheres que participaram na luta de libertação de Guiné-Bissau e Cabo Verde, como a de Lilica Boal, diretora da Escola piloto do PAIGC, e de Amélia Araújo, locutora da Radio Libertaçao. A escultura dirige a atenção dos espectadores para os silêncios e contradições subjacentes à história oficial que é contada. Que realidades estão a ser silenciadas pelas narrativas oficiais? "Projetar a Independência no Feminino" parece lembrar-nos que a independência das antigas colônias africanas não foi uma mera concessão do novo regime democrático em Portugal. Representa antes a conquista resultante da coragem e determinação de muitos homens e mulheres que lutaram pela soberania dos seus países e enfraqueceram o regime colonial português e as suas forças militares. Não pretendendo contar uma nova verdade, esta

escultura pretende simplesmente contaminar a história oficial.

Filipa César **N**
Mined Soil
Video
Filme de 16mm transferido para HD, 32 minutos, cor, som (2012-2014)
Obra cedida pela Galeria Cristina Guerra, Lisboa

Nos últimos anos o trabalho desta artista tem-se desenvolvido em torno do arquivo audiovisual da Guiné-Bissau. O material documenta o nascimento do cinema de militância, fortemente promovido por Amílcar Cabral enquanto projeto de descolonização. O combatente trabalhou como agrônomo para o Ministério do Ultramar de Portugal tendo viajado por muitos domínios do então império português. Neste vídeo-ensaio, César argumenta que Cabral terá subversivamente usado o seu cargo para desenvolver a luta anticolonial. O percurso do agrônomo e combatente guineense Amílcar Cabral levou-o ao Alentejo

Mónica de Miranda (Portugal, 1976) **F**

Springboard (da série Panorama)
Impressão digital s/papel fine art
50x75 cm (2007)
Obra cedida pela Galeria Carlos Carvalho, Lisboa

Esta obra pertence a uma série de fotografias que retratam o estado atual de alguns dos equipamentos construídos durante o colonialismo tardio, como esta piscina pública ao ar livre, o Hotel Panorama ou o Cinema Karl-Marx (antigo Cinema Avis), exemplos da arquitetura modernista na capital angolana, entre 1950 e 1975. As vitrinas da modernidade de outrora apresentam-se hoje como ruínas degradadas ou abandonadas. Estes são locais que fazem parte da geografia afetiva da artista, locais que frequentemente visita e regista na sua obra. Estes 'rituais de regresso', mediados pela fotografia, representam uma reflexão em torno da identidade pós-colonial híbrida e a relação entre os acontecimentos históricos e o seu passado familiar.

Alida Rodrigues (Angola, 1983) **G**

The Secret History of Plants
Coleção / técnica mista
Dimensões variáveis
2014-2019
Coleção da artista

No contexto colonial, e na tradição da objetividade etnográfica, a representação do negro raramente perturba a imagem estereotipada que contribuiu para legitimar as clivagens raciais entre o colonizador e o subalterno silenciado. Surpreendida com a falta de retratos fotográficos que transcendessem essa hegemonia, a artista criou uma série de collagens a partir de postais fotográficos com a finalidade de a subverter. Nesta apropriação e interferência nas imagens históricas, o sujeito original da imagem é apagado e substituído por desenhos de espécies vegetais que eventualmente pertencem ao mesmo período histórico. Através desta mediação artística, o novo sujeito adquire uma nova identidade desvinculada da questão racial.

Marilú Mapengo Námoda **H**
(Moçambique, 1991)

Memórias de uma Língua Cão
Instalação
Dimensões variáveis (2019)

As línguas e identidades nativas invisibilizadas são o foco desta instalação imersiva, baseada nas memórias da infância da artista ligadas à sua língua materna, Chwabu. Com a imposição do Português como língua oficial do Império que o assimilado deveria dominar, as línguas locais foram desconsideradas, a sua aprendizagem interrompida e a sua sobrevivência fragmentada. O elemento central da instalação consiste em re-interpretar significados e referências visuais do grupo etnolinguístico Bantu. Esta obra pretende, como sugere a artista, construir um espaço de re-significação do legado histórico enquanto experiência curativa dos traumas identitários inter-generacionais pós-coloniais.

Irineu Destourelles **I**

New Words for Mindelo's Urban Creole
Video
10 minutos e 26 segundos, preto e branco, som (2014)
Coleção do artista

Esta obra em vídeo defende a necessidade de atualizar a linguagem de acordo com as dinâmicas da contemporaneidade, abrindo-se a novas identidades, novos géneros, com todas as suas nuances. Usando neologismos que fazem referência a nomes de antigos administradores coloniais e a personagens da mitologia grega, o artista estabelece um paralelo entre a história colonial e as dinâmicas sociais que surgiram no país a partir da década de 1990, com o fim do regime marxista de partido único. A necessidade de descolonizar a língua é sentida por uma geração mais jovem que questiona os limites do sistema linguístico confrontando-se com a sua rigidez, a sua matriz patriarcal e o discurso normativo que lhe está associado. Este vídeo aponta para o impacto da globalização sobre a linguagem, a memória e a cognição.

J

Francisco Vidal (Portugal, 1978) **J**

Cotton n' Katanas

Óleo sobre catanas

1,00x1,0 m (2021)

Colecção do artista

Nesta obra o artista pinta uma tela de catanas que quase desaparecem devido às cores vivas das flores sobre elas representadas. Este é um motivo algo inusual para o artista, mais conhecido pela sua linguagem urbana e 'graffiteira'. A obra faz uma referência direta à revolta dos trabalhadores das plantações de algodão da Cotonang, na Baixa do Cassanje de Angola. Por falta de outras armas, os manifestantes usaram as suas ferramentas de trabalho, ou seja, as catanas. Embora a propaganda oficial do regime tenha minimizado a revolta, as autoridades coloniais responderam com uma violenta repressão militar, matando milhares de homens, mulheres e crianças. Este massacre representa o início da luta de libertação de Angola e da guerra colonial.

K

René Tavares **K**

(São Tomé e Príncipe, 1983)

We Are All Colored People

Técnica mista sobre tela

2,50 m x 2,25 m

Obra cedida pela Galeria This is Not a White Cube, Lisboa

A exposição na Galeria do Paço termina na sala dedicada aos trabalhos de mineração. Este é de facto o núcleo de fotografias mais proeminente e certamente mais perturbador. Estas imagens são desconfortáveis porque atestam inequivocavelmente o racismo institucionalizado em vigor. O trabalho forçado, a escravidão, representa para a identidade negra um trauma ancestral, associado à gênese da diáspora africana. René Tavares faz, nas suas pinturas e desenhos, uma síntese pessoal da sua própria identidade, deslocações e posicionamentos face ao passado. Esta pintura parece sugerir que também a noção da cor da pele faz parte desse conjunto de construções e categorias e que no fundo todos temos uma cor de pele.

Obras artísticas Museu Nogueira da Silva

Délio Jasse (Angola, 1980) **L**

E se mais mundo houvera

Residência artística

Délio Jasse trabalha a materialidade do fotográfico, interferindo no processo de revelação das imagens. Os seus trabalhos partem frequentemente de arquivos encontrados e imagens encontradas. Pela especificidade da sua prática artística, Délio Jasse foi o artista convidado para a residência artística para trabalhar diretamente as imagens do arquivo Diamang (MNS). O título desta instalação provém de uma fotografia encontrada no arquivo. A imagem mostra um mapa-mundo que traça as rotas das viagens dos descobrimentos portugueses. Com colagens de pequenos diamantes, desenhando-se a frase "E se mais mundo houvera". Trabalhando a materialidade do fotográfico, intervindo e manipulando as imagens, partir do negativo, Jasse tenta quebrar o olhar colonial e devolver a dignidade às pessoas na grande maioria representadas anonimamente nas fotografias originais.

Rita Raíño e Ângelo Lopes **M**
Projetar a Revolução no Feminino

Escultura audiovisual

Ano 2021

1,11 x 1,11 m x 2,06 m

Coleção Museu Nogueira da Silva

A escultura recupera histórias invisíveis de mulheres que participaram na luta de libertação de Guiné-Bissau e Cabo Verde, como a de Lilica Boal, diretora da Escola piloto do PAIGC, e de Amélia Araújo, locutora da Radio Libertaçao. A escultura dirige a atenção dos espectadores para os silêncios e contradições subjacentes à história oficial que é contada. Que realidades estão a ser silenciadas pelas narrativas oficiais? "Projetar a Independência no Feminino" parece lembrar-nos que a independência das antigas colônias africanas não foi uma mera concessão do novo regime democrático em Portugal. Representa antes a conquista resultante da coragem e determinação de muitos homens e mulheres que lutaram pela soberania dos seus países e enfraqueceram o regime colonial português. Não pretendendo contar uma nova verdade, esta

escultura pretende simplesmente contaminar a história oficial.

Filipa César **N**
Mined Soil

Video
Filme de 16mm transferido para HD, 32 minutos, cor, som (2012-2014)

Obra cedida pela Galeria Cristina Guerra, Lisboa

Nos últimos anos o trabalho desta artista tem-se desenvolvido em torno do arquivo audiovisual da Guiné-Bissau. O material documenta o nascimento do cinema de militância, fortemente promovido por Amílcar Cabral enquanto projeto de descolonização. O combatente trabalhou como agrônomo para o Ministério do Ultramar de Portugal tendo viajado por muitos domínios do então império português. Neste vídeo-ensaio, César argumenta que Cabral terá subversivamente usado o seu cargo para desenvolver a luta anticolonial. O percurso do agrônomo e combatente guineense Amílcar Cabral levou-o ao Alentejo

onde estudou o fenômeno da erosão do solo. Nesta mesma região opera hoje uma empresa canadense que se dedica à prospeção e exploração mineiras. No vídeo, o próprio solo é descrito como um repositório de memórias, entrelaçando processos de luta e de conscientização política.

Henrique Neves Lopes **O**
Meninos de sua mãe

Algodão bordado em linho
42x29 cm (2016)

Coleção da artista

Este trabalho tem como ponto de partida um álbum da guerra colonial. Nestas imagens se não fosse pelo uniforme militar, nada aponta para o decorrer de uma guerra. São situações de não-batalha: militares portugueses posando com leões e palancas mortas, cadáveres de jibóias parodiadas, crianças fardadas, festas de carnaval com soldados travestidos. A violência é ambígua e está presente nas relações entre os intervenientes e em situações em que os próprios militares não são apenas sujeitos

ativos, mas também receptores de violência, fome, de deslocamentos culturais e de geografias, da falta de educação e escolaridade. Este trabalho pertence a uma série de bordados que recriam algumas dessas imagens.

P

Catarina Simão **P**

Effects of Wording

Video

29 minutos, cor, som (2014)

Obra cedida pela artista

Recorrendo quase exclusivamente a documentos de arquivo, o vídeo reconstrói a criação do 'Instituto de Moçambique', um programa educativo promovido por Eduardo Mondlane. Com o objetivo de proporcionar aos estudantes a possibilidade de continuarem os seus estudos à margem do sistema colonial, o Instituto foi financiado através de fundos privados norte-americanos. Este apoio criou um incidente diplomático com o Governo português que equiparou esta subvenção a um apoio direto às atividades revolucionárias. O ensaio segue diferentes linhas narrativas,

Ficha Técnica:

Equipa curatorial: Duarte Belo, Fátima Moura Ferreira, Miguel Bandeira Duarte, Patrícia Leal